

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 34

2016

Nº 207

MARÇO - ABRIL

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
	Palavras de Kardec	4
	Alerta ao Movimento Espírita	6
	As mulheres do período apost.	9
	O sonho do Infante (Poema)	15
	A Atlântida (conclusão)	17
	Nomes do Passado...	21
	Testamento Vital	23
	Oração de Gandhi	27
	Que vai ser de nós...	28
Calçada do Tojal, 95, s/c 1500-592 Lisboa Telefone : 217 647 441		
*		
Director Responsável : Manuela Vasconcelos		
*		
Tiragem : 150 exemplares Distribuição Gratuita		

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

*

EDITORIAL

Ainda agora o ano começou e já estamos a viver o terceiro mês, sem nos apercebermos como foram os dias transactos. Bons, maus? Serviram para sermos úteis, dentro do “contrato” que fizemos com Deus e assinámos com uma tinta absolutamente invisível, mas que “cresce” ante os nossos olhos, uma e outra e ainda outra vez, como que a lembrar-nos que prometemos ao Senhor *servirmos em seu Nome*.

Que de responsabilidade nestas palavras, aparentemente tão simples, mas que nos obrigam a estarmos sempre atentos, não só aos nossos actos como aos actos de terceiros, a procurarmos ajudar, orientar, esclarecer...

Talvez por causa desta palavra “esclarecer”, quando criámos o nosso site, houve um irmão, com responsabilidades na nossa Casa, que nos propõe de imediato, acabarmos com a publicação e edição da Revista, a partir do momento que cada um podia ir ao site e ler o que quisesse, de tudo o que lá temos publicado... Recusámos, apenas com uma justificação: e aqueles que não têm computador, ou não sabem como lidar com ele, ir à internet... eles perdiam a leitura de cada edição!

Porque, honestamente, é com carinho que escrevemos para todos os que nos quiserem ler. Muitas das vezes nem sequer sabemos quem o faz, porque como a distribuição é gratuita, colocamos os exemplares de cada número na mesa à entrada da nossa Casa e não reparamos em quem a leva, quem a lê... Só nos apercebemos, realmente, de tal facto quando alguém se chega a

nós para opinar sobre um e outro artigo que publicámos. E tem sido assim, desde o primeiro exemplar, em Julho de 1981 – quando ainda nem sequer o Centro tinha sido inaugurado: éramos, apenas, um grupo – um grupo que estudava, que procurava preparar-se para depois, quando pudesse, abrir-nos, então, a nossa Casa.

O nosso lema – seja na Revista, seja no atendimento ou nos trabalhos que realizamos – é sempre o mesmo: servir, em nome de Deus, vendo em cada um aquele irmão que Jesus nos veio ensinar a amar.

Do outro lado da “bancada”, cada um que nos conhece, lê ou escuta é que poderá dizer se temos – ou não – cumprido a tarefa que nos impusemos. Com certeza que, humanos (imperfeitos) como ainda somos, muitas vezes teremos falhado, mas, creiam, não foi por despreocupação ou desinteresse: apenas porque, naquele momento, com certeza não soubemos fazer melhor!

Neste propósito – fazer o melhor – continuamos aqui, presentes!, esperando que a sementinha que vamos plantando no conhecimento/coração de cada um, possa sempre crescer, firmar as suas raízes e dar aquele fruto saboroso que, do outro lado da Vida aguardará a cada um, sempre na esperança de um Amanhã melhor! Quando cada um “lá chegar” verificará, então, se a sementeira rendeu a trinta, a sessenta ou a cem cada grão! Esperemos que seja sempre o melhor...

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

61 – Qual é, pois, a utilidade dessas manifestações ou, se assim quisermos, desta revelação, se é que os Espíritos não sabem mais que nós, ou se não nos dizem tudo o que sabem?

Em primeiro lugar, como já dissemos, eles se abstêm de nos dar aquilo que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas que não lhes é permitido revelar porque nosso grau de adiantamento não o comporta. Porém, à parte disso, as condições de sua nova existência ampliam o círculo de suas percepções; eles vêem o que não viam, quando estavam sobre a Terra; libertados dos entraves da matéria, dispensados dos cuidados da vida corporal, julgam as coisas de um ponto de vista mais elevado, e por isso mesmo, de modo mais são; sua perspicácia abarca um horizonte mais vasto; compreendem seus erros, rectificam suas ideias e livram-se dos preconceitos humanos.

É nisso que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corporal, e que seus conselhos podem ser mais judiciosos e mais desinteressados que o dos encarnados, na proporção de seu grau de adiantamento. Por outro lado, o meio no qual se encontram, permite-lhes iniciar-nos nas coisas da vida futura, as quais ignoramos, e que não podemos aprender no lugar em que estamos. Até esta data, o homem não havia criado senão hipóteses sobre o futuro; eis o motivo pelo qual suas crenças a respeito de tal assunto foram divididas em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o negativismo até às

fantásticas concepções do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios actores da vida de além-túmulo, que nos vêm dizer o que há ali, e **isso só eles o poderiam fazer**. Portanto, estas manifestações serviram para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual não suspeitávamos; e mesmo este conhecimento isolado seria de uma importância capital, se quiséssemos admitir que os Espíritos fossem incapazes de nos ensinar mais alguma coisa.

Se fordes a um país que seja novo para vós, recusareis as informações do mais humilde camponês que encontrardes? Deixareis de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um campónio? Certamente não esperareis dele esclarecimentos de alcance muito elevado, porém, do que esteja em sua esfera, ele poderá, sob certos pontos, ensinar-vos melhor do que um sábio, que não conhecesse de perto o terreno. Podereis deduzir, de suas indicações, consequências que ele mesmo não poderia alcançar; porém, ele não terá sido menos um instrumento útil para vossas observações, mesmo que não houvesse servido senão para vos fazer conhecer os costumes dos camponeses. O mesmo se dá com as nossas relações com os Espíritos, entre os quais mesmo o menor deles pode servir para nos ensinar alguma coisa.

ALLAN KARDEC

(Continua no próximo número)

(In: A GÉNESE, ED. Lake, cap. I).

ALERTA AO MOVIMENTO ESPÍRITA

“(...) não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus.”

- I Jo., 4:1.

Não falece dúvida de que o Espiritismo terá um papel preponderante na implantação dos Tempos Novos na Terra que passará, então, de planeta de provas e expiações para planeta de Regeneração. Assim, não nos causa surpresa o ferrenho e maciço ataque que a Doutrina Espírita e em especial o movimento espírita vêm sofrendo, uma vez que as trevas possuem a ‘batuta’ dessa orquestração maléfica e continuam tentando por todos os meios possíveis atingir o sucesso de seus planos nefastos. E a coisa já vai bem adiantada!!! É só reparar no que andam aprontando por aí, no movimento espírita!

Daí a importância de prestarmos atenção ao conteúdo do imperdível livro de autoria da nossa confreira Suely Caldas Schubert, intitulado “Nas Fronteiras da Nova Era”, no qual a autora mencionada tece comentários bem profundos sobre duas alentadas e excelentes obras do Espírito Manoel Philomeno de Miranda: ‘Transição Planetária’ e ‘Amanhecer de uma nova Era’, ambos psicografados por Divaldo Pereira Franco.

Ali estão retratadas as maneiras pelos quais os inimigos da luz têm lançado seus eficientes ataques, haja vista a negligência que vem sofrendo os princípios doutrinários por parte dos espíritas, especialmente dos dirigentes espíritas com raras e honrosas exceções.

Negligência e vulgaridade! Tais as palavras de ordem!...

Deixemos falar nossa Suely¹: “(...) é exactamente nessa questão da vulgaridade que reside um dos maiores perigos para o movimento espírita. Espíritos vulgares buscam médiuns que lhes são afins inspirando ideias de baixo nível, zombeteiros que são com a desculpa de divertir os espíritas. Isso é estarrecedor! Mentalidade esta, que gradativamente angaria adeptos, contando para isso com livros que propagam tais ideias, como é óbvio, anti-doutrinárias, e expositores que se apressam a divulgá-las, em sintonia com os mesmos Espíritos malfazejos.

Vamos raciocinar: você que está lendo, já viu algum padre dizer gracinhas enquanto reza a santa missa? Já viu algum deles diminuir o tempo da missa para não cansar o povo? Já notou algum pastor, diante de milhares de fiéis, fazer graça, contar casos vulgares, para alegrar o público? Já o viu diminuir o tempo do sermão para que a plateia não fique cansada? A missa é séria, o sermão é sério, por que então essa infeliz ideia de que numa palestra espírita o expositor só deve contar casos para levar o povo a rir? É vulgarizar o Espiritismo tal procedimento. E se Allan Kardec ali estivesse ouvindo tais vulgaridades? E Jesus e o Evangelho, onde ficam?!

Vivemos um momento grave, queridos irmãos e companheiros espíritas, a Doutrina Espírita é séria, assim como o Evangelho também o é. Em muitas instituições espíritas, o tempo de palestra foi reduzido para 40 minutos, para 30 minutos! Meu Deus, uma palestra de 50 a 60 minutos ainda é muito pouco, reduzi-la, então, é um total absurdo.

Todas estas considerações fizeram-nos recordar uma importante mensagem de Bezerra de Menezes, na psicofonia de Divaldo Pereira Franco, transmitida no dia 7 de Fevereiro de

1987, no lar dos amigos Miguel de Jesus Sardano e Teresinha Sardano, onde tive a satisfação de assistir e que é de impressionante actualidade. Transcrevo só um pequeno trecho: “(...) *Estamos convocados a prosseguir... Cada um de nós é convidado a uma quota que não pode ser menosprezada, ao testemunho silencioso aureolado de alegria, porque o Reino não é daqui, não obstante aqui comece. **Demo-nos as mãos e preparemo-nos porque a luta recrudescerá. As dificuldades multiplicar-se-ão. O profano insinua-se no divino, o vulgar no especial, o ridículo no ideal...** Tenham cuidado, meus filhos, para que as nossas Casas não sejam invadidas por torvelinhos que lhes descaracterizem a pureza evangélica ali instalada. Mantenhamo-nos unidos, sem que os miasmas da perturbação intoxiquem, e as imposições do desequilíbrio predominem*”. (Grifo do autor encarnado).

Philomeno de Miranda relata que, caminhando para o final da mensagem, o Espírito visitante enfatiza: “(...) o modelo a seguir permanece Jesus, e a nova onda de amor trará de retorno o apostolado, os dias inesquecíveis das perseguições e do martirologio que, na actualidade, terá características diversas, já que não se podem matar impunemente os corpos como no passado... Isso não implica que não se assaquem acusações vergonhosas e se promovam campanhas desmoralizadoras contra eles, a fim de dificultar-lhes o empreendimento superior. Assim mesmo, deverão avançar, joviais e estóicos, cantando os hinos da liberdade e da fé raciocinada que dignificam o ser humano e o promovem no cenário interior”.

1 – Schubert, Suely Caldas: *Nas fronteiras da nova era*, 2ª impressão, Santo André, ebm. 2013, p. 75 a 77.

ROGÉRIO COELHO

AS MULHERES DO PERÍODO APOSTÓLICO

Ainda nos tempos de hoje, as mulheres são, de variadas formas, tratadas com desigualdade em relação ao homem. Os exemplos são os mais diversos, desde salários menores para o exercício da mesma profissão, à brutalidade da violência doméstica do homem contra a mulher, realidade constante dos lares de nossa Pátria do Evangelho, lares que deveriam ser santuários sagrados.

A história da humanidade mostra que as mulheres sempre estiveram subordinadas à denominação do homem, submetidas ao seu jugo cruel. Já foram, ao longo dos milénios, centro das mais bestiais discussões, como as que questionavam se a mulher tinha inteligência ou mesmo alma...

Há dois mil anos, no tempo de Jesus, a precária condição da mulher na sociedade era extrema; completamente subordinada ao homem, era vista como objecto de propriedade do pai, quando ainda solteira, ou do marido, se já casada. Não podia dirigir-se a outros homens, raramente trabalhava fora do lar, era tida como sub-cidadã, sem direitos, hierarquicamente sujeita à autoridade masculina.

Ainda assim, e de forma surpreendente, o Evangelho cita uma série infindável de mulheres que, de alguma forma, participaram do apostolado de Jesus e foram espiritualmente tocadas por Ele. O Mestre sempre manteve intenso contacto com elas, deu às mulheres o que a sociedade lhes negava: o respeito, o carinho, a consideração, a valorização. Em diálogo com Pedro,

que o questionava sobre o valor da mulher perante o homem, Jesus docemente responde ao apóstolo:

- Uma e outro são iguais perante Deus(...) e as tarefas de ambos se equilibram no caminho da vida, completando-se perfeitamente, para que haja, em todas as ocasiões, o mais santo respeito mútuo. Precisamos considerar, todavia, que a mulher recebeu a sagrada missão da vida. Tendo avançado mais do que o seu companheiro na estrada do sentimento, está, por isso, mais perto de Deus que, muitas vezes, lhe toma o coração por instrumento de suas mensagens, cheias de sabedoria e de misericórdia. Em todas as realizações humanas, há sempre o traço da ternura feminina, levantando obras imprecíveis na edificação dos Espíritos. Na história dos homens, ficam somente os nomes dos políticos, dos filósofos e dos generais; todos eles são filhos da grande heroína que passa, no silêncio, desconhecida de todos, muita vez dilacerada nos seus sentimentos mais íntimos ou exterminada nos sacrifícios mais pungentes, mas também Deus, Simão, passa ignorado em todas as realizações do progresso humano e nós sabemos que o ruído é próprio dos homens, enquanto o silêncio é de Deus, síntese de toda a Verdade e de todo o Amor.

Por isso, as mulheres mais desventuradas ainda possuem no coração o gérmen divino, para a redenção da humanidade inteira. Seu sentimento de ternura e humildade será, em todos os tempos, o grande roteiro para a iluminação do mundo, porque, sem o tesouro do sentimento, todas as obras da razão humana podem parecer como um castelo de falsos esplendores.¹

Também em ‘O Livro dos Espíritos’, oportunamente esclarecem os Espíritos superiores:

819 – *Com que objectivo a mulher, do ponto de vista físico, é mais fraca que o homem?*

Para lhe determinar funções especiais. Cabem ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.

820 – *A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?*

Deus deu a uns a força para protegerem o fraco e não para o escravizarem. Deus apropriou o organismo de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Se deu à mulher menos força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade apropriada à delicadeza das funções maternas e à fragilidade dos seres confiados aos seus cuidados.

821 – *As funções a que a mulher está destinada pela natureza terão importância tão grande quanto as conferidas ao homem?*

Sim, e até maiores. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.

A condição inferiorizada das mulheres, ao longo da história, reclusas nas próprias casas na sagrada missão de educar os filhos, acabou por permitir que elas desenvolvessem, muito mais que o homem, sentimentos e potencialidades relacionados à paciência, à sensibilidade e ao amor, daí não só Jesus mas também ‘O Livro dos Espíritos’ deixarem claro que, como regra, a mulher é até mesmo mais evoluída que o homem, isso por necessidade da missão a ela confiada: a educação de todos nós!

Algumas das mais belas passagens do Evangelho têm mulheres como principais personagens, o que demonstra que Jesus não só

ajudou individualmente a todas aquelas com quem teve contacto, como também as usou para legar ao mundo as mais belas lições de amor, quebrando quaisquer preconceitos baseados na condição de sexo. Estava o Mestre, evidentemente, muito além do seu tempo, pregando e ensinando o amor por intermédio da mulher.

Joana de Cusa foi tocada por Jesus e, martirizada nos circos de Roma, não renegou a sua fé.² A mulher encurvada foi curada por Jesus num dia de sábado, servindo-se do momento para ensinar que não há hora nem lugar para a prática da caridade, que deve sempre pautar-se pela incondicionalidade (Lucas, 13: 10 a 17). Maria Madalena, que se viu livre de “sete demónios”, nunca mais abandonou o Cristo, seguindo-o até mesmo no Calvário, quando então todos os apóstolos, à excepção de João, o abandonaram (Lucas, 8:22; 23:49; Mateus, 27:56; Marcos: 15:40; João, 19:25). Uma mulher, tomada por hemorragias, havia doze anos, viu-se curada com o só gesto de tocar as vestes de Jesus (Mateus, 9:19 a 22 e Lucas, 8:43 a 48).

No templo, o Mestre presenciou uma viúva pobre depositar duas moedas de insignificante valor no gazofilácio, e se enterneceu com o facto de que ela dava o pouco do que tinha. Dava, portanto, mais do que aqueles que, depositando muito, davam porém do que lhes sobrava (Marcos, 12:41 a 44). Há várias outras passagens de que as mulheres participam, mas duas delas são especialmente comoventes: a da mulher samaritana (João, 4:1 a 41) e a da adúltera (João, 7:53 a 8:1 a 11).

Jesus ia à Galileia e, atravessando a Samaria, encontrou-se com uma mulher samaritana que buscava água no poço de Jacó. Ele então se dirige a ela e pede-lhe água. Ela se surpreende, porque Jesus era homem e judeu. Contrariava, assim, os costumes

da época, pois um homem judeu não se dirigia a uma mulher samaritana, não só pela diferença de sexo, mas especialmente em razão das intensas divergências entre os povos judeu e samaritano. A um só tempo, o Cristo impugna uma série de preconceitos e de regras proibitivas que feriam a essência da lei do amor. Não interessavam ao Mestre as condições exteriores do Espírito, e sim a essência divina, de que todos somos formados. Fosse o outro homem ou mulher, ou de outra “raça”, ou rico ou pobre, fosse autoridade ou não, isso definitivamente não importava ao Cristo, que a todos amava incondicionalmente, ensinando que a lei do amor transcende quaisquer preconceitos que **ainda hoje insistimos em cultivar**. Na continuidade do diálogo, Jesus fala à mulher samaritana a respeito da água viva, ou seja, sobre a lei do amor, que é quanto basta para que nos encontremos com Deus, edifiquemos seu reino em nós, e tenhamos a vida eterna da felicidade dos Espíritos superiores.

A passagem da mulher adúltera é, senão a mais bela, uma das mais grandiosas e virtuosas de todo o Evangelho. Isso porque nós, Espíritos ainda devedores e atrasados, somos diuturnamente os fariseus e escribas que sem cessar acusamos os irmãos com quem convivemos por suas menores faltas. Assim agimos o dia todo, em casa, no trabalho, no trânsito, na escola, etc.. Levando uma mulher flagrada em adultério a Jesus, os fariseus e escribas, querendo testá-lo, questionaram se ela deveria ser apedrejada, tal como mandava a lei de Moisés. Curioso o facto de que tal lei (Levítico, 20:10) manda seja morto também o homem, que nunca está presente para sofrer as consequências do rigor legal, que só recai na parte fraca das relações sociais. Jesus, então, recebe a todos com um profundo silêncio, nada responde, e passa a escrever com o dedo na areia. Após alguns momentos, anuncia a frase que ficou, indelevelmente, marcada para todo o sempre: **Aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra!** A doce advertência

dispersa todos os acusadores e, então, dirigindo-se à mulher, pergunta-lhe onde estavam os acusadores e se algum deles a havia condenado; ela responde que ninguém. O Mestre, com o amor que não destrói nem violenta, antes orienta e ensina, por fim diz: “Nem eu te condeno; vai e não peques mais.” Quantos de nós, imperfeitos e cheios de pecado, conhecendo esta passagem, ainda nos entregamos ao contínuo julgamento do próximo pelos menores deslizes! Quantos ainda somos como aqueles fariseus e escribas do tempo de Jesus, capazes de ver o cisco no olho do próximo, cegos em relação à trave que está em nossos próprios olhos!

As mulheres foram intensas protagonistas na vida de Jesus, que não só ajudou cada uma delas, com quem conviveu, a transcender as próprias dificuldades e imperfeições, mas se utilizou delas para, em variadas vertentes, ensinar a lei do amor, incentivando-nos à arte do perdão, do não-julgamento, e do não-preconceito, da caridade e do auxílio constante aos necessitados.

A leitura e o estudo do Evangelho, como sempre, não podem resumir-se ao conhecimento vazio. Devem ser trazidos para nossa realidade íntima, assimilados para o aprendizado e a evolução contínuos rumo à iluminação. O amor que o Cristo dedicou às mulheres é exemplo suficiente para que a sociedade, no século XXI, passe a tratar a mulher, plena e efectivamente, com a mesma igualdade e respeito com que são tratados os homens.

1 – Xavier, Francisco C. ‘Boa Nova’, pelo Espírito Humberto de Campos. 37. Ed. 4 imp. Brasília: FEB, 2014, cap. 22

2 - ____, ____, cap. 15.

RENATO DE VASCONCELOS FARIA

(In Revista espírita brasileira REFORMADOR, Julho 2015).

O SONHO DO INFANTE

É noite sem luar. Lá, na Ponta de Sagres,
No rochedo escarpado, em frente ao imenso mar,
Alma cheia de fé, confiando em milagres,
Medita D. Henrique e começa a sonhar...
E distendendo o olhar pelas praias desertas,
O triunfo real das grandes descobertas
Ele antevê feliz... tinha enorme certeza
Do supremo valor da gente portuguesa.

E o Infante tenaz, o maior dos infantes,
Confiava no ardor dos lusos navegantes
Que iriam vencer todo o mar tenebroso
Que ali estava a rugir, qual gigante raivoso...
Aquele negro mar, misterioso e profundo,
Que circulava além, novas terras no mundo.

Vinham os vagalhões quebrar-se no rochedo...
As lendas, tradições, os vestígios do medo,
Fantásticas visões de sereias malditas,
Que atraíam as naus nas águas infinitas,
Iria desfazer da marinhagem rude,
Incutindo no peito uma nova virtude:
- O amor a Portugal, a Pátria estremecida,
Que merecia, sim, sacrificar a vida.

Naquela solidão e no silêncio enorme,
O Infante medita. O Infante não dorme.
Na espessa escuridão, seu vulto se agiganta.
Uma bela visão, bem perto, se levanta...
O seu olhar de lince, a perscrutar fronteiras,
Vê uma terra além, coberta de palmeiras...

Suas naus chegarão àquelas lindas plagas.
Será vencido o mar, dominadas as vagas.
O vento impelirá as lusitanas velas.
Lá irão aportar todas as caravelas
Que deixarão no mar os luminosos rastros,
Levando a Cruz de Cristo a tremular nos mastros.

Continua a sonhar o Infante D. Henrique...
Seu cérebro de fogo em labaredas arde.
Surgem terras além e que serão mais tarde
Províncias da Guiné, Angola e Moçambique.
Medita D. Henrique. Os olhos sonhadores
Alonga para o mar... Vão surgindo os Açores,
Porto Santo, Madeira... o seu olhar se perde
Pensando nos ilhéus do lindo Cabo Verde...
Toda a terra africana, esplendente em belezas,
Conheceu o valor das frotas portuguesas...

Sonho e meditação avançam pela noite...
Na rude viração, sentindo o áspero açoite,
D. Henrique se apoia às pedras do rochedo
E tenta desvendar o mágico segredo
E os mistérios sem fim, do tenebroso mar.
E o Infante D. Henrique continua a sonhar...

.....
Sua vida consagrara, olhos postos nos céus,
Ao serviço da Pátria e ao serviço de Deus.
No coração de gelo o humano amor não medra...
O seu peito de herói é vrijo como a pedra...
Nunca sentiu o ardor de uma paixão sequer...
Nunca teve na boca o beijo de mulher...
O amor, considerava uma coisa banal...
Só tinha um grande amor: - o amor a Portugal.

.....
Desponta no horizonte a rósea madrugada,
Tingindo todo o céu de um rubor deslumbrante.
Mansamente caiu o beijo da alvorada
No rosto varonil de denodado Infante...

LOLA DE OLIVEIRA

R Jan., 1960

Poema da autora, nas comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique, e que trazemos aqui hoje, neste mês de Março, a recordá-lo mais uma vez).

*

A ATLÂNTIDA

(Conclusão do texto publicado no número anterior)

OUTRAS PROVAS A RESPEITO DA ATLÂNTIDA

Segundo E. Armond, existe um documento referente à Atlântida no British Museum de Londres. É um manuscrito denominado ‘**O Troiano**’, descoberto em escavações arqueológicas no sul do México, região habitada primitivamente pelos toltecas.

No **Codex Tolteca Tira**(O Livro das Migrações), há uma passagem onde se relata que oito tribos atingiram as praias do Pacífico, e eram oriundas de um país situado a leste, denominado **Aztlan**.

Há antigos desenhos mexicanos das tribos toltecas e aztecas, que representam Aztlan como uma ilha montanhosa, de onde essas tribos se originaram.

Um dos mais importantes documentos é o **Popul-Vu**, uma obra em quatro volumes, que contém toda a mitologia dos maias em idioma quiché. Esta obra revela que os antepassados do povo maia da Guatemala, vieram, há muitíssimos anos, de um país localizado a leste, em pleno oceano...A narrativa de **Troiano** confere com as tradições maias, que revelam que a civilização dos atlantes sucumbiu através de dois cataclismos: um, teria ocorrido por volta de 8.452 e o segundo, aproximadamente em 4.292 a. C..

Na primeira catástrofe afundou a Grande Atlântida, o continente primitivo (esse facto é descrito por Troiano). Séculos mais tarde, submergiu o que havia restado, isto é, a Pequena Atlântida, ou Poseidonis, assim denominada na antiguidade grega. Esta última parte, estendia-se da costa norte da África até ao Mar de Sargaços.

Mesmo os leigos em arqueologia, podem notar as semelhanças existentes entre as pirâmides do Egipto e as construções maias. Os egípcios antigos praticavam a mumificação de cadáveres; a mesma prática era desenvolvida entre os povos do México e do Perú.

Em 1923, os cientistas realizaram uma sondagem no oceano, que revelou que o fundo do Atlântico está-se erguendo lentamente, cerca de quatro quilómetros em vinte e cinco anos. Muitos acreditam que tal facto concorda com as profecias de que a Atlântida se reerguirá para substituir continentes que serão, por sua vez, afundados.

O afundamento da Grande Atlântida fez com que se completasse a formação do Oceano Atlântico, porém, restaram algumas partes mais altas do antigo continente, que constituem as ilhas de Cabo Verde, Açores, Canárias e outras.

Tanto a narrativa do Troiano quanto as tradições maias possuem elementos de concordância com as tradições egípcias reveladas a Sólon pelos sacerdotes de Sais, em 600 a. ., que afirmavam ter a Atlântida submergido 9.500 anos antes da época em que eles viviam.

E em última análise, todas essas tradições foram confirmadas pelo sábio grego **Platão**, em seus diálogos com **Timeu** e **Crítias**, escritos por volta de quatro séculos antes de Cristo.

AS REVELAÇÕES ESPIRITUAIS

O Espiritismo é uma fonte de ensinamentos e, através das revelações dos espíritos de ordem mais elevada, os nossos conhecimentos acerca das realidades espirituais, que também abrangem o mundo físico, actualmente encontram-se mais alargados. Assim, através das palavras de Emmanuel, ficamos sabendo que a humanidade actual foi constituída primitivamente por duas categorias de seres: além de uma espécie mais atrasada, que veio evoluindo lentamente desde as formas mais rudimentares de vida, houve outra, composta de criaturas intelectualmente mais evoluídas, que compunha os seres exilados de Capela, um orbe da Constelação do Cocheiro.

Estes seres que habitavam Capela foram obrigados a reencarnar entre raças mais ignorantes e primitivas na Terra,

como forma de punição, pois constituíam-se em milhões de espíritos rebeldes que estavam atrapalhando a evolução daquele mundo longínquo, que alcançara o apogeu de um dos seus ciclos evolutivos e não mais poderia abrigar espíritos que se compraziam na prática do mal, falhos de sentimento embora adiantados no intelecto. Assim, esses espíritos foram espurgados dessa esfera, por não terem condições de se coordenar com os altos padrões de vida moral atingidos pela humanidade de Capela.

Esses milhões de advenas para aqui transferidos, em época impossível de ser agora determinada, eram detentores de conhecimentos mais amplos, e de entendimentos mais dilatados, em relação aos habitantes da Terra e foram o elemento novo que arrastou a humanidade animalizada daqueles tempos para novos campos de actividade construtiva, para o aconchego da vida social e, sobretudo, deu-lhes as primeiras noções de espiritualidade e do conhecimento de uma divindade criadora. Mestres, condutores e líderes que então se tornaram, das tribos humanas primitivas, foram eles, os exilados que definiram os novos rumos que a civilização, então, tomou, diz Armond.

Tal ocorrência não deve constituir surpresa, pois, segundo os esclarecimentos espíritas, com o advento do terceiro milénio, a humanidade terrestre poderá sofrer vários desses expurgos reparadores.

Emmanuel ainda revelou que os capelinos reencarnaram nas regiões onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos ‘primatas’. E, “em sua maioria, estabeleceram-se na Ásia, de onde atravessaram o istmo de Suez para a África, na região do Egito, encaminhando-se igualmente

para a longínqua Atlântida, de que várias regiões da América guardam assinalados vestígios.”

Assim, graças aos capelinos degradados, nasceram na Terra os ascendentes das raças brancas, e a eles devemos o esplendor e a imponência da civilização dos atlantes, dos egípcios, a sabedoria da Índia, e o monoteísmo do povo de Israel, entre outras contribuições.

NILTON PUGLIESE

(Transcrito da Revista portuguesa ora desaparecida, ESTUDOS PSÍQUICOS, Fevereiro de 1980).

*

**NOMES DO PASSADO...
NOMES DE SEMPRE!**

= GUERRA JUNQUEIRO =

“Muitos intelectuais e muitíssimos espíritas e pensadores, alarmaram-se com a pretensa conversão ao catolicismo romano do genial poeta Guerra Junqueiro, conversão que o padre católico tem andado a propalar, salientando o seu grande triunfo – o triunfo de sempre, diz ele, sobre todos os homens de vulto que, em dias infelizes da sua vida, combateram a igreja católica, pois todos eles, arrependidos por fim, vão voltando, quais filhos pródigos, à bendita casa paterna, que é a casa ou causa de Roma.

“Lamentamos o alarme, e mais lamentamos que se deixassem mistificar pelas espertezas do *sincero* padre romano, apesar de tantas vezes desmascaradas.

“É mentira que o glorioso poeta se fizesse infalibilista. O que é verdade é que ele sempre quis ser cristão, e a seu modo o tem sido, e que, do catolicismo, só respeita o que nele tem havido e porventura ainda haja do cristianismo.

“Sosseguem, pois, todos os que ingenuamente se alarmaram, e leiam, para seu consolo, as seguintes palavras do grande poeta, espiritualista e teósofo: ‘Dizem por aí que eu estou católico. A nota publicada nas minhas ‘*prosas Dispersas*’ ao artigo “*Sacré Coeur*” tem sido mal compreendida. O catolicismo é grande pelo que nele se mantém de cristianismo. Sou um crente, creio em Deus. Mas não abduco do meu raciocínio. E o meu raciocínio combate os erros da Igreja, que foram muitos e graves. Não sou católico, no sentido vulgar do termo. Não pratico. Sou, porém, cristão – e sempre o fui...”

“Esperemos mais completas explicações do consagrado poeta e erudito pensador que, de certo, as vai dar, do seu ideal religioso. E continue o padre católico, se isso lhe apraz, na ingrata, tola e infeliz tarefa de profligar e anatematizar como diabos e loucos os espíritas, os teósofos, os ocultistas e os psiquistas, e a apregoar, como arrependidos e convertidos ao catolicismo romano, todos aqueles que julga próximos da morte e que durante a vida tiveram algum acto ou palavra de cristão ou de simples admirador do Cristo.”

(In “*Revista Espírita Luz e Caridade*, de Braga, Abril de 1922).

TESTAMENTO VITAL

Tem-se falado muito, ultimamente, em **EUTANÁSIA**, tendo sido lidas, até, declarações de alguns médicos, inclusive portugueses, de como já a aplicaram nos seus doentes – os terminais. E o jornal “Diário de Notícias”, de 6 de Março, 2016, em artigo de página inteira, pela mão de um seu articulista, informa ou comenta que estão os “Portugueses incentivados a dizer que tratamentos querem em fim de vida” – podendo actualmente cada um decidir, quando ainda capacitado, por um testamento vital para o que basta preencher-se um modelo do Ministério da Saúde, acessível on-line e depois, entregá-lo num balcão próprio, informando, logo a seguir, os tipos de cuidados que estão abrangidos e, a diferença entre a eutanásia e a directiva.

Realmente, depois da ponta do iceberg ter sido revelada, pensamos que já nada nos pode espantar – mesmo neste País que sempre foi referido como sendo de carácter religioso. Mas, realmente, ou quem está no Governo agora, não o é, ou, então, os Serviços de Saúde portugueses estão tão incapacitados de darem vazão a todos os que a ele recorrem que resolveram começar a matar à direita e à esquerda, esquecido mais uma vez aquele juramento de Hipócrates que fazia com que cada um procurasse, confiadamente, alguém em condições de o tratar, curar, ou dar-lhe um final digno – rodeado pelos familiares que o amassem.

Nesta conformidade, porque recorrendo aos Serviços Hospitalares sem estarmos convenientemente informados, poderemos – ou não – estar sujeitos a que nos apliquem uma

injecção que, em vez de nos ajudar nos dê mais rapidamente a morte, falemos, então, de...

EUTANÁSIA – segundo a definição do “pequeno Dicionário da Língua Portuguesa”, edição de 1924, que temos presente, significa “*morte tranquila, sem sofrimento.*” – o que é um engodo tremendo, em que muitos poderão cair, porque, pensamos, ninguém sofre por gosto; na dor como na doença, ninguém será masoquista.

Mas, o que significará este mesmo acto, que consequência terá para o nosso Espírito – o nosso verdadeiro EU – este “refúgio” aparentemente tão belo?

Porque ninguém, melhor que Kardec, nos poderia elucidar, recorreremos ao “O Livro dos Espíritos”, pergunta

953:- Quando uma pessoa vê à sua frente uma morte inevitável e terrível, é culpada por abreviar de alguns instantes o seu sofrimento por uma morte voluntária?

R. – Sempre se é culpado de não esperar o termo fixado por Deus. Aliás, haverá certeza de que ele tenha chegado, malgrado as aparências, e não se pode receber um socorro inesperado no derradeiro momento?

953-a – Concebe-se que, em circunstâncias ordinárias, seja o suicídio repreensível, mas figuramos o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é abreviada por alguns instantes.

R. – É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.

953-b – Nesse caso, quais as consequências de tal acção?

R – Uma expiação proporcional à gravidade da falta, segundo as circunstâncias, como sempre.

E, mais à frente, na conclusão do capítulo I do Livro Quatro:

(...) A religião, a moral, todas as Filosofias condenam o suicídio como contrário à lei natural. Todos nos dizem, em princípio, que não se tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Mas porque não se terá esse direito? Porque não se é livre de pôr um termo aos próprios sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é apenas uma falta como infracção a uma moral, consideração que pouco importa para certos indivíduos, mas um acto estúpido, pois que nada ganha quem o pratica e até pelo contrário. Não é pela teoria que ele nos ensina isso, mas pelos próprios factos que coloca sob os nossos olhos.

E Herculano Pires, em nota de roda-pé, esclarece:

O argumento espírita contra o suicídio não é apenas moral, como se vê, mas também biológico, firmando-se no princípio da ligação entre o Espírito e o corpo. A morte como fenómeno natural, tem as suas leis que o Espiritismo revelou através de rigorosa investigação. O sofrimento do suicida decorre do rompimento arbitrário dessas leis; é como arrancar à força um fruto verde da árvore. As estatísticas mostram que a incidência do suicídio é maior nos países e nas épocas em que a ambição e o materialismo se acentuam, provocando mais abusos e excitando preconceitos. A falta de organização social justa e de educação para todos é a causa de suicídios e crimes. (...).

A diferença entre “suicídio” e “eutanásia” está apenas em que, no primeiro caso, a pessoa age sozinha e, no segundo, age acompanhada por quem lhe ministra o medicamento que a levará à morte. Nesta caso, esta segunda pessoa torna-se conivente no crime, porque suicídio ou eutanásia, o acto é sempre um crime perante a Lei.

As consequências são sempre as de um sofrimento maior no plano espiritual, normalmente pelo tempo de vida que teria ainda no corpo-matéria e, um recomeço, na reencarnação imediata, das mesmas causas, com um sofrimento maior – isto sem deixar de referir, também, as consequências físicas da morte a reflectirem-se no novo corpo carnal, nas doenças que lhe surjam logo no início da reencarnação, sejam de foro cardíaco, neurológico, ou outras, mediante a espécie de morte provocada.

Então, se realmente a eutanásia entrar em vigor nos hospitais portugueses, será preferível que o doente assine o termo de responsabilidade em que peça a alta, e vá aguardar em casa, com fé, a chegada da morte – quando Deus lhe envie – pois assim, quando chegar ao outro lado, reconhecerá que o sofrimento valeu a pena, pois terá deixado de lhe sofrer as consequências numa renúncia que só o prejudicaria, por tempos incontáveis.

Tenha-se sempre presente o mandamento da Lei de Deus que diz: **NÃO MATAR** – e este “não matar” não está relacionado, apenas, com o próximo, amigo ou inimigo, mas com a própria existência que o Senhor nos concedeu.

MANUELA VASCONCELOS

*

*Fé inabalável é somente aquela capaz de encarar a razão,
face a face, em todas as épocas da humanidade. – ALLAN KARDEC*

ORAÇÃO DE GANDHI

Meu Deus!

Ajuda-me a dizer a palavra da verdade na cara dos fortes e a não mentir para obter o aplauso dos débeis.

Se me dás dinheiro, não tomes a minha felicidade e se me dás forças, não tires o meu raciocínio.

Se me dás êxito, não me tires a humildade; se me dás humildade, não tires a minha dignidade.

Ajuda-me a conhecer a outra face da felicidade, e não me deixes acusar os meus adversários, apodando-os de traidores, porque não partilham o meu critério.

Ensina-me a amar os outros como amo a mim mesmo e a julgar-me como o faço com os outros.

Não me deixes embriagar com o êxito, quando o consigo, nem a desesperar se fracasso.

Sobretudo, faz-me sempre recordar que o fracasso é a prova que antecede o êxito.

Ensina-me que a tolerância é o mais alto da força e que desejo de vingança é a primeira manifestação da debilidade.

Se me despojas do dinheiro, deixa-me a esperança e se me despojas do êxito, deixa-me a força de vontade para poder vencer o fracasso.

Se me despojas do dom da saúde, deixa-me a graça da fé.

Se causo danos a alguém, dá-me a força da desculpa, e se alguém me causa dano, dá-me a força do perdão e da clemência.

Meu Deus, se me esquecer de Ti...

Tu não Te esqueças de mim!

GANDHI

QUE VAI SER DE NÓS, DEPOIS DA MORTE?

Não sou mais que um simples combatente da causa espírita, mas penso ter-lhe dado o impulso que antes lhe faltava e que de tal modo chamou a atenção do público que dificilmente tomo de um jornal sem que encontre nele um artigo em que se debate o Espiritismo. O facto de serem ignorantes e falaciosos alguns jornalistas nenhum dano acarreta à causa. Se esta fosse má, a publicidade e a reputação a prejudicariam. Se, porém, é boa, uma e outra coisa lhe aproveitarão e ela triunfará cedo ou tarde.

Dizem alguns espíritas que devemos considerar-nos ditosos e contentarmo-nos com a nossa dita. Isto não me parece moral. Se Deus enviou à Terra uma nova mensagem de felicidade, é dever de todos a quem ela foi revelada, levá-la ao conhecimento de todos os outros, quaisquer que sejam o trabalho, as penas e os dissabores que daí lhes advenham. A nova revelação não nos foi dada como objecto de gozo egoístico, mas como consolação geral. Porque o doente volta costas ao doutor, não se lhe poderá, ao menos, oferecer os medicamentos?

Evidente já que todas as invenções modernas e as descobertas cairão no rol das coisas banais, quando os fenómenos espíritas, daqui a alguns anos, se impuserem ao juízo humano.

O Espiritismo foi levado por veredas tortuosas, onde se nos deparam práticas nefastas e muito cepticismo.

Uma classe existe de pesquisadores psíquicos que gostam de girar dentro de um círculo e arrastar-vos consigo, se fordes fracos. Pesquisam sempre, sem se aperceberem de que uma explicação simples e clara é muito mais prementória.

A inteligência lhes é nefasta, por isso que os conduz por estradas transversais, em vez de lhes indicar o caminho recto.

Por outro lado, pessoas também há demasiado crédulas, que vão até ao ridículo. Em verdade, o estudo é muito simples, até mesmo ao alcance de meninos. Os meus o compreendem.

Quem já leu atentamente os livros de Crookes e os de certos autores espíritas e se obstina em não reconhecer que há uma força sobrenatural, é um desequilibrado.

Uma vez que se tenha admitido a sobrevivência, natural é que se peça aos Espíritos uma apreciação acerca da religião que se professa. Em suas respostas, encontram-se sempre a pureza e a inspiração que nos mostram como o homem se esqueceu, durante longos séculos, de conservar o contacto com o invisível, que é a essência mesma das coisas espirituais.

O trabalho que empreendemos aí está e aí daquele que nos impede o passo, porquanto se não for, como algumas vezes sucede, punido na Terra, sempre o será no Além. Há uma responsabilidade que ninguém quer reconhecer: muitos pensam poder julgar o invisível, quando na realidade é este que nos julga.

É evidente que isto não se aplica aos veros pesquisadores, que consideram muito grave esta matéria, para deixar de ser objecto de aprofundado estudo. Eu próprio fiz experiências

durante muito tempo e reconheço agora que meu estudo foi demasiado longo e que por isso mereço censuras.

Hoje faço todo o possível por reparar o meu erro. O mesmo se tem dado com grandes sábios, como Myers, Hodgson e Hyslop, que muito hão tardado em manifestar as suas opiniões.

Respeito esses homens, mas desdenho os que se dizem investigadores psíquicos. Ainda não vi gente mais pedante. Muito hão de divertir os nossos descendentes. O pior é que alguns deles acusam de fraude os médiuns e vão ao extremo de elaborar relatórios falsos. Tenho estado em relações com muitos médiuns em vários países e só umas três vezes observei fraudes. Cumpre distinguir a fraude consciente e a fraude inconsciente. Esta última é a mais perigosa.

A fraude consciente provém de uma tentativa do médium para suprir a força psíquica que lhe falta, imitando o fenómeno. A fraude inconsciente produz-se num estado de semi-sonolência, parecendo normal o médium que, entretanto, já não é responsável pelos seus actos, já se não acha em condições de fazer o que quer e ainda não o está no de fazer o que lhe é sugerido do Além. Eis porque há médiuns que fazem coisas ridículas e parecem trapacear. Se, porém, o observador não fizer caso dessa situação, e pacientemente esperar, os fenómenos psíquicos se produzirão e o médium cairá então em completa catalepsia.

Esta era uma particularidade de Eusápia Paladino, conforme tive ensejo de observar muitas vezes.

Vi casos de médiuns saírem do respectivo gabinete para passearem pela sala, tais como: o sr. Corner, a sra. d'Esperance e Craddock. Tendo todos estes médiuns dado provas irrecusáveis

de suas faculdades, estou convencido que da parte deles nenhuma fraude havia.

Quando os médiuns fraudam, trazendo consigo quaisquer artefactos ou acessórios, o que já aconteceu – acho isso um crime abominável e monstruoso.

Algumas pessoas têm-me perguntado porque estou certo de conhecer a verdade. Para lhes dar todas as razões que possuo para assim me pronunciar, mister me fora escrever um volume, que não um artigo. Direi somente que, se abandonei um trabalho lucrativo e me tenho afastado da minha casa durante longos períodos, é porque tenho a certeza da sobrevivência. Não há método de verificação que eu não haja experimentado repetidamente.

Em presença de um médium, senhorita Bésinett, e outras pessoas, vi minha mãe e meu sobrinho, tão bem como se ali os tivesse em carne e osso. Quase me fora possível contar as rugas de uma e as costelas de outro. Na obscuridade, o semblante de minha mãe parecia brilhante, calmo, ditoso. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada para a banda e fechava os olhos. Minha mulher, à minha direita, e uma senhora, que estava à minha esquerda, a viram tão distintamente quanto eu. Essa senhora que não conhecera minha mãe, exclamou: “Que maravilhosa parecença com o filho!”, o que demonstra a solidez dos traços fisionómicos.

Com o concurso do médium, sr. Evan Powell, conversei com o meu filho. Seis pessoas que estavam presentes assinaram um atestado da realidade desse facto. Ouvi-lhe a voz natural e ele comigo conversou de coisas que lhe diziam respeito, totalmente

desconhecidas do médium que, amarrado à sua cadeira, respirava profundamente.

Se não basta o atestado de seis pessoas eminentes e honradas, que será preciso fazer?

Meu irmão, o general Doyle, manifestou-se pelo mesmo médium e falou da saúde de sua mulher, que era dinamarquesa. Ela estava-se tratando com um massagista de Copenhague, cujo nome ele declinou. Informei-me e vim a saber que esse homem existia. De onde viera a meu irmão esse conhecimento? Quem poderia ter tanto interesse por aquela senhora a não ser o marido?

Todas as subtis teorias do sub-consciente caem em pedaços diante da afirmação da inteligência. “Sou um espírito, sou Innes, sou teu irmão.”

Dei a mão a materializações; sustentei longas conversações por meio de vozes directas; senti o perfume especial que se desprende do ectoplasma; ouvi profecias que se realizaram completamente. Vi a “ténue claridade morta” em chapas fotográficas que só eu manipulara. Recebi por intermédio de minha mulher, muitos esclarecimentos que ela seeria incapaz de me dar por si mesma.

Vi uma senhora inexperiente produzir em alguns minutos um quadro que presentemente adorna a minha sala de visitas. Vi objectos muito pesados levantarem-se e permanecerem no ar sem nenhum apoio. Vi Espíritos passearem em pleno dia e conversarem com as pessoas presentes. Li cartas escritas por pessoas que nenhuma instrução têm, cartas que, no entanto, parecem de excelentes autores. Reconheci o estilo de um escritor

falecido, que ninguém nunca pôde imitar. A caligrafia era idêntica à dele.

Ouvi cantar com uma força que não pode ser aqui na Terra e assobiar durante longuíssimo tempo, sem respirar uma única vez. Vi objectos serem atirados a grandes distâncias e entrarem nos lugares hermeticamente fechados.

Se um homem visse, ouvisse e sentisse todas estas coisas e não acreditasse numa força invisível, esse homem poderia pôr em dúvida a sua lucidez. Porque haveria de dar atenção aos jornalistas e a certos sábios sem experiência quem tantas provas possui?

Do ponto de vista religioso, faz-se necessária uma nova concepção do pecado. Não são as fraquezas do corpo as mais nefastas, porém as do Espírito, tais como o bigotismo (*velhacaria*), o materialismo, a estreiteza de ideias, que são permanentes e nos condenam a ficar nas esferas inferiores, até à depuração. Estamos disso persuadidos pelo que nos dizem os desgraçados que nos vêm pedir conselhos.

Durante setenta anos, a existência dessas forças superiores foi negada, seus dons tratados de embustes, de fraudes as suas maravilhas e de charlatanismo suas prescrições médicas.

Entretanto, Braid e Esdaile, cirurgiões, sentiram essa influência maravilhosa e dela se utilizaram no tratamento de doentes do campo. Braid começou por empregar o hipnotismo, que ele chama de ‘coma’. Esta palavra nova produziu seu efeito e o mundo começou a acreditar no hipnotismo, sem aludir ao “mesmerismo”, que era a mesma coisa, mas que foi negado. Naturalmente, Mesmer cometeu erros, como os espíritas os têm

cometido. Mas, em cada caso, o ponto essencial era respeitado. Talvez a história venha a repetir-se um dia, no dia em que todos reconhecerem o Espiritismo – mas sob outro nome – como sendo a expressão da verdade.

Muitos sábios abrirão caminho, graças mais ao Espiritismo do que aos outros trabalhos. Actualmente, citam-se cem vezes os nomes de Wallace e Crookes por causa de seus trabalhos psíquicos, para uma em que são citados pelos seus trabalhos materiais. Quanto a Brewster e Carpenter, nenhuma alusão se lhes faria, se não fosse pela mesma razão. Muito há de sofrer a reputação de alguns grandes homens por motivo da abstenção em que se mostram e da atitude que guardam. Estou persuadido de que os nossos descendentes colocarão Crawford e Drayson na primeira fila.

Conquanto possam dizer que tudo isso não passa de impressões minhas pessoais, publico-as a fim de verificá-las mais tarde.

O erro cometido pela ciência nas suas investigações consiste em não haver tentado compreender como é que o médium produz o fenómeno. Sempre o têm tratado como feiticeiro, dizendo-lhe: “Faze isto ou aquilo”, pensando que o médium age por *si mesmo*, quando o facto, as mais das vezes, se produz por *intermédio dele*. Digo as mais das vezes, porque creio que alguns fenómenos insignificantes, como o dos choques, podem ser produzidos pelo seu Espírito, directamente.

Vi línguas de fogo, escutei o vento e a grande voz, mas não vejo como se poderiam obter esses fenómenos sem harmonia.

Os sábios se esquivam, negando essa lei.

Sabem eles que um nada pode destruir o fruto de longo trabalho, mas não querem admitir que uma condição psíquica possa prejudicar uma experiência psíquica, conforme o têm provado eminentes pesquisadores. Dizem esses sábios: “Os Espíritos representam a última coisa em que acreditaremos, pela razão de que isso daria em terra com um trabalho de cinquenta anos”. É duro, efectivamente, para um homem que sustentou ser o corpo quem governa o Espírito, ter de reconhecer que, na realidade, o corpo é governado pelo Espírito.

Pelo que toca à profecia de um desastre, conheço a dificuldade de determinar, vista do outro lado, a duração do tempo. Todavia, tenho recebido tantas informações pormenorizadas, provindas de fontes diversas, que posso assegurar para daqui a alguns anos uma grande catástrofe, a maior de quantas até então se terão produzido.

Perguntam-nos: “Que colheis dessa crença nos Espíritos?” Respondo a isto: “Graças a ela já a morte não nos atinge; deixamos de estar num sombrio vale, para nos acharmos num cume iluminado, com amplos horizontes diante de nós.”

Porque temeríamos a morte, quando sabemos que é a porta conducente à felicidade? Porque temeríamos a dos nossos entes caros, quando os sabemos tão perto de nós? Não estou agora mais perto do meu filho, do que se ele ainda estivesse no exército, destacado para bem longe, no estrangeiro? Não se passa mês, raro uma semana se passa, sem que me comunique com ele. Não é esse facto de natureza a mudar o aspecto das coisas e a tornar, de pardacento que era, claro e límpido o meu firmamento?

Podeis dizer que na religião cristã temos essa crença. É exacto e por isso é que não somos anti-cristãos, desde que se trate da revelação do Cristo e não da de seus orgulhosos representantes. Todas as formas de crença cristã se acham representadas nas nossas fileiras sob nomes diferentes, nada porém de preciso há nas definições que do outro mundo dão as Santas Escrituras. O que temos podido deduzir, é que há um céu de trabalho conduzindo a esferas superiores, um céu de arte, de ciência, de inteligência, onde se reúnem os Espíritos que se encontram no mesmo grau de evolução. É o que os Espíritos descrevem.

De outro lado, ouvimos falar, e às vezes directamente, dos infernos, isto é, das esferas de purificação. Fala-se também de perturbações, de trevas, de corridas sem rumo, de confusões mentais, de remorsos. “É horrível a nossa condição”, disse-nos um deles, ultimamente, numa sessão.

Porque são reais e provadas estas coisas, é que tentamos restabelecer a verdadeira religião e em grande responsabilidade incorre o clero opondo-se a isso.

ARTHUR CONAN DOYLE

(In Revista da Federação Espírita Portuguesa “O Espírita”, Abril a Julho de 1924).

*